



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET

**DUAS TRADUÇÕES DE *NUUESTRA AMÉRICA*, DE JOSÉ MARTÍ, E SUA
CONTRIBUIÇÃO PARA O SULEAMENTO**

ELLEN CRISTINE SANTOS LISBOA

Brasília/DF

2023

**DUAS TRADUÇÕES DE *NUUESTRA AMÉRICA*, DE JOSÉ MARTÍ, E SUA
CONTRIBUIÇÃO PARA O SULEAMENTO**

ELLEN CRISTINE SANTOS LISBOA

Qualificação do Trabalho de Conclusão apresentado ao curso de graduação em Tradução Espanhol como requisito para obtenção do grau de Bacharelado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Pablo Cardellino Soto

Brasília/DF
2023

Banca examinadora

Prof. Dr. Pablo Cardellino Soto (IL) (Orientador)

Prof.^a Magali de Lourdes Pedro (IL) (Membro)

Prof. Dr. Júlio César Neves Monteiro (IL) (Membro)

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, o Professor Dr. Pablo Cardellino Soto, por todo conhecimento e crescimento acadêmico que me proporcionou durante o curso de graduação, assim como todo apoio e encorajamento para o meu desenvolvimento enquanto pesquisadora no meu Projeto de Iniciação Científica, que culminou neste Trabalho de Conclusão.

Aos meus pais José Wilton Lisboa Júnior e Rosivânia Pereira dos Santos que sempre acreditaram que a educação é o melhor caminho e fizeram o possível para que eu me dedicasse à minha formação.

Ao meu marido Victor Artur Santiago Silva pela compreensão e apoio imensurável às escolhas que tomei em cada etapa da minha trajetória.

A todos os meus professores que contribuíram direta ou indiretamente para a minha formação, não só enquanto estudante, pesquisadora e tradutora, mas também enquanto indivíduo, ao ampliarem a minha percepção da existência de distintas realidades.

À Universidade de Brasília por me oportunizar uma formação integral e humana.

RESUMO

A tradução pode ter sérias implicações para as distintas esferas da sociedade. Uma das relevâncias está atrelada ao âmbito político, tendo como pressuposto que a divulgação de um texto em outros territórios e outras línguas contribui para a visibilidade e promoção do mesmo, bem como do conteúdo compreendido nele. O livro *Nuestra América* de José Martí, escrito originalmente em espanhol, almeja discutir a obtenção de uma América Latina efetivamente independente, integrada e autônoma, livre das imposições coloniais a que foi submetida durante vários séculos. A tradução desse texto para o português implica conhecer de que maneira a reflexão sobre esse projeto político pretendido por Martí alcança realização no Brasil e a implicação disso para uma real integração latino-americana, de maneira que contribua para o superamento de realidades dominadas pelas concepções e diretrizes do Norte hegemônico. Propor tais reflexões por meio da tradução pode contribuir para a consecução de uma sociedade emancipada e o fomento de uma consciência coletiva crítica e reflexiva.

Palavras-chave: José Martí; *Nuestra América*; tradução; política; emancipação.

RESUMEN

La traducción puede tener serias implicaciones para diferentes esferas de la sociedad. Una de sus relevancias está ligada a la esfera política, a partir del presupuesto de que la difusión de un texto en otros territorios y otras lenguas contribuye a su visibilidad y promoción, así como de su contenido. El libro *Nuestra América*, de José Martí, tiene como objetivo discutir el logro de una América Latina efectivamente independiente, integrada y autónoma, libre de imposición a la que ha estado sometida durante varios siglos. Su traducción al portugués implica conocer cómo la reflexión sobre este proyecto político pretendido por Martí logra su realización en Brasil y la implicación de ello para una verdadera integración latinoamericana, de manera que contribuya el “suleamento” de realidades dominadas por las concepciones y directrices del Norte hegemónico. Proponer tales reflexiones a través de la traducción puede contribuir para lograr la emancipación y el fomento de una conciencia colectiva crítica y reflexiva.

Palabras clave: José Martí; *Nuestra América*; traducción; política; emancipación.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. NOSSA AMÉRICA, DE JOSÉ MARTÍ.....	13
3. ANÁLISE DAS TRADUÇÕES	16
4. A TRADUÇÃO EMANCIPATÓRIA E O SULEAMENTO	27
CONCLUSÕES.....	35
REFERÊNCIAS	37

1. INTRODUÇÃO

O meu interesse por esta pesquisa surgiu a partir da minha experiência enquanto estudante em formação no curso de Letras Espanhol na Universidade de Brasília, no qual tive despertado o meu interesse por temas sociais e políticos, a partir da exposição a realidades e existências outras não percebidas por mim antes de ingressar na universidade. Entre elas está o preconceito e a marginalização que sofrem frequentemente os povos latinos pelos europeus e norte-americanos, caracterizados por estes “como bestializados, ou seja, desumanizados, com a negação da individualidade, da identidade, da capacidade intelectual e, portanto, da humanidade e alteridade” (De Sousa, 2022, p. 78-79). A convite do professor Pablo Cardellino Soto, eu desenvolvi primitivamente o tema em questão no Projeto de Iniciação Científica entre os anos de 2022 e 2023, que tinha como um dos objetivos pretendidos a elaboração de um artigo crítico a respeito de um autor em língua espanhola com texto traduzido e publicado ao português. Diante da sugestão do autor José Martí, me chamou a atenção o caráter político da sua obra e sobretudo, do texto *Nuestra América* que pretendia a valorização da América Latina e a integração da região como forma de combater perspectivas autoritárias e opressivas. A partir dessa consciência, me pareceu pertinente investigar as relações políticas, sociais e históricas que poderiam estar relacionadas ao mencionado texto e consequentemente à tradução do mesmo.

A tradução constituiu-se na América Latina inicialmente com o objetivo de servir como instrumento para a conquista e catequização das regiões colonizadas pelas coroas da Espanha e de Portugal, conforme Silva-Reis e Milton (2016, p. 4) “a interpretação e a tradução foram fortes instrumentos de catequização e, consequentemente, civilizatórios nos moldes da ideologia católica”. Entretanto, posteriormente, a importância dessa atividade passou a ser de caráter subversivo como forma de luta face às formas hegemônicas de dominação, mesmo após a independência desses países. Isso porque a colonização deixou como fruto, a essas sociedades, a colonialidade, que pode ser definida como um sistema que se empenha em manter e reproduzir estruturas e formas de poder semelhantes às da colonização e que produzem e reforçam situações de desigualdades e injustiças de diversos gêneros (Quijano, 2005). A difusão de determinadas ideologias e perspectivas

políticas também abrange o processo de tradução, pois ao mesmo tempo que “isso pode contribuir para a manutenção e consolidação de estruturas de poder [...] também tem o potencial de subverter o atual status quo, introduzindo ideias novas e subversivas” (Baker; Saldanha, 2020, p. 416-417).

Em um cenário de pré-independência, José Martí, escritor e político cubano, escreve *Nuestra América*, obra na qual trata principalmente de um projeto político de integração das nações que constituem a América Latina como maneira de reforçar a identidade latino-americana, gerar união contra as forças dominantes da coroa espanhola e do imperialismo norte-americano, e conquistar maior espaço e relevância no âmbito internacional, até então negado. Sendo o Brasil, o único país de língua portuguesa da América Latina, proponho como objetivo observar através da teoria dos polissistemas, se as traduções realizadas desse livro do espanhol para o português são capazes de desempenhar o objetivo a que se propõe e que consequências pode ter para a integração latino-americana e o ato de suleamento defendido por Silva Júnior (2022). Já que baseado a teoria dos polissistemas "para entender o próprio passado e a própria identidade, uma compreensão da tradução em si e por si é crucial" (Gentzler, 2009, p. 141). Dada a importância política, econômica, cultural e social da obra, a tradução deveria focar-se não no conteúdo linguístico e formal, mas nos aspectos culturais e de natureza política que influenciam a reflexão, criticidade e conscientização pretendidas em *Nuestra América*. A relevância dessa investigação consiste na necessidade de estudos da tradução que abordem temas relevantes à América Latina e contribuam de alguma forma para o desenvolvimento da região, repensando as bases históricas nas quais se constituiu. A tradução de autores como José Martí, além de revelar aspectos de nossa história, tem fortes implicações para a difusão de ideias libertadores e capazes de transformar a realidade conhecida.

A atual pesquisa é de natureza qualitativa, que para Denzin (2006, p. 17) “consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo” e insere-se no âmbito dos estudos pós-coloniais, que “propõem interpretar as relações de desigualdade e sujeição, observando as tensões tanto nos espaços inter como intranacionais, nos múltiplos entrecruzamentos de categorias como raça, gênero, classe e nação” (Pagano, 2000, p. 158). Neste caso a visibilidade pretendida se entende ao cenário sulista. A partir de uma leitura analítica de duas traduções de *Nuestra América* de José Martí, foram selecionados trechos, frases ou termos que

apresentavam alguma relação com o campo político. A primeira versão é a proposta por Maria Angélica de Almeida Trajber (2006) e uma segunda realizada por Maria Auxiliadora César (2011) em colaboração com outros dois tradutores: Dionísio Lázaro Poey Baró e Pablo José Sainz Fuentes.

A partir da seleção de elementos das duas traduções, foi realizada uma análise comparativa, método que "[...] realiza comparações com o objetivo de verificar semelhanças e explicar divergências" (Prodanov; Freitas, 2013, p. 38). Para Bogdan e Biklen (1994, p. 102), o método comparativo utiliza-se de múltiplas fontes de dados e a análise acontece quase simultaneamente à coleta de dados. Isso se confirma no fato de que a própria leitura das traduções e a seleção de trechos, implica uma análise/interpretação. Como auxílio à análise foram utilizadas ferramentas como o Corpus do Português, o Dicionário Caldas Aulete e o *Diccionario de la Real Academia* (DRAE), além de relacionar a análise a fundamentações teóricas no campo dos estudos da tradução a fim de tentar justificar as decisões tradutórias. Também se relaciona à análise crítica de tradução, que contribui “para uma consciência linguístico-cultural mais apurada, bem como para a construção de um ambiente propício para o surgimento de novas concepções de análises críticas de tradução” (Romão, 2017, p. 51).

Além disso, a pesquisa em tradução traz as próprias especificidades, que devem ser levadas em conta no desenvolvimento de uma análise tradutória. Uma delas é a recepção do texto pelos tradutores, já que eles “não leem o texto em virtude de seus próprios propósitos” (Nord, 2016, p. 31). Ainda segundo essa autora outros elementos desempenham papel relevante em uma análise, são eles: os fatores intratextuais (assunto, conteúdo, elementos linguísticos, tipologia textual, etc.) e extratextuais (emissor, receptor, lugar, tempo, motivo, função textual, etc.).

Também é relevante compreender que quanto maior a diferença entre dois contextos, mais complexa será a aproximação entre a intenção do emissor e a recepção da tradução, e conseqüentemente em cumprir a função desejada. Sobre isso Britto (2012, p. 24) diz que é impossível ter acesso ao sentido original do texto, já que ele permite múltiplas leituras, assim como também não é possível acessar a intenção do autor¹. A análise escolhida, desenvolvida na próxima seção, centra-se

¹ Não irei me deter nesta pesquisa a esmiuçar a intenção do autor, por constituir um campo teórico muito vasto. Novos caminhos a esse respeito serão apontados nas conclusões.

justamente na forma que indica esta autora como apropriada: “tanto do texto fonte como do texto alvo, e [que pode] fornecer informações sobre as semelhanças e diferenças [...] assim como sobre o processo individual de tradução, as estratégias e os métodos usados (Nord, 2016, p. 282).

Portanto, a análise proposta tem caráter funcionalista e vai ao encontro da teoria dos polissistemas, na qual se acredita que "as normas sociais e as convenções literárias na cultura receptora [...] ditam as pressuposições estéticas do tradutor e, assim, influenciam sus subsequentes decisões" (Gentzler, 2009, p. 141). Diante disto, o que interessa nessa tradução "[...] não é a equivalência ou fidelidade ao texto-fonte, mas se a tradução conseguiu cumprir ou não as necessidades do seu iniciador [...] de maneira apropriada ao seu leitor e contexto final" (Polchlopek *et al.*, 2012, p. 26). O texto é analisado considerando os efeitos que produz nos sistemas da língua em que está sendo traduzido. A Teoria Funcionalista detalhada por Vermeer e Reiss afirmam que todo texto pertence a um contexto comunicativo e por esse motivo, as escolhas do tradutor devem levar em consideração a finalidade a que se propõe e assim “ele configura a tradução como uma ação translacional e acredita que qualquer ação possui um objetivo ou um propósito” (Silva; Durão, 2019, p. 45). A teoria funcionalista tem relação com os Estudos Descritivos proposto por Gideon Toury, em que o foco passa a estar no polissistema da cultura-alvo e no caso da tradução, os textos traduzidos ocupam uma posição específica nessa cultura e "existe[m] como um artefato cultural para a substituição de um texto-fonte por uma versão aceitável na cultura receptora" (Gentzler, 2009, p. 161).

Cabe discorrer sobre a teoria dos polissistemas, proposta por Even-Zohar (2013, p. 3), segundo ele a concepção de polissistemas “ênfatisa a multiplicidade de interseções”, isso se deve ao fato de que tal teoria baseia-se no caráter funcional e na análise de relações. Esta teoria aplica-se à análise das traduções, justamente pois o que nos interessa como objetivo desta investigação é compreender as relações entre os elementos literários, linguísticos e políticos, ou seja, que pertencem a distintos sistemas.

É a partir desses antecedentes e critérios teóricos e metodológicos que as seções seguintes serão desenvolvidas.

Para isso pretende-se fazer na seção 2 um levantamento biográfico e bibliográfico sobre José Martí, bem como um recorrido sobre *Nuestra América*,

apoiado em autores como Veloso (2011) e Fanton (2013). Na seção 3 será feita a análise comparativa entre duas traduções de *Nuestra América* a fim de encontrar elementos que possam ser relevantes para a pretensão tradutória. Por fim, na seção 4 essas análises serão associadas à fundamentação teórica que explicita a América Latina e sua constituição heterogênea (Scherrer-Warren, 2008), abordando conceitos como colonialidade e decolonialidade (Matos, 2022; Walsh, 2007; Quijano, 2005). Também nessa seção será discutido o conceito de suleamento (Silva Júnior, 2022) associado a políticas emancipatórias e integração latino-americana (Silva-Reis; Milton, 2016; Porto-Gonçalves; Quental, 2012), e a relação entre os campos tradutório e político (Bastin; Echeverri; Campo, 2021; Baker, 2018).

2. NOSSA AMÉRICA, DE JOSÉ MARTÍ

Martí vive como um poeta e morre como herói
(Mariza Veloso)

Parece-me necessário, antes de aprofundarmos na obra de José Martí - mais especificamente no caso deste trabalho *Nuestra América* -, conhecer quem foi este autor. José Martí nasceu em Cuba no ano de 1853 e desde muito cedo se envolveu em atividades políticas. A primeira delas se deu com a participação em um jornal de valores independentistas, o que acarretou, conforme a apresentação de Juan Marinelli em umas das edições de *Nuestra América* (Martí, 2022, p.11), que fosse exilado na Espanha aos 18 anos. Já nesse país, publicou o primeiro livro *El presidio político en Cuba*, porém é só após esse episódio que conclui uma formação acadêmica em Direito, Filosofia e Letras. Viveu em diversos países, conviveu com figuras de destacada importância política, casou-se com Carmen Zayas Bazán e tiveram um filho. Participou do planejamento da Guerra de Independência de Cuba desde Nova Iorque e da fundação do Partido Revolucionário Cubano e além do papel que desempenhou na política, foi também um importante escritor. Morre em combate em seu país de origem em 1895, defendendo aquilo que acreditava: a emancipação da nação cubana. Neste ponto, todavia, constitui-se relevante destacar que após a sua morte, em 1898, durante a Guerra de Independência Cubana, após a derrota da Espanha para os Estados Unidos, a nação abre mão da posse de Cuba e Porto Rico, o que significou “a intervenção dos Estados Unidos nos momentos finais da Guerra e a tutela imposta por esta grande potência imperial norte-americana à Cuba recém liberada do jugo espanhol” (Carvalho, 1998, p. 1).

José Martí se destaca na literatura latino-americana, sobretudo por “introduzir um discurso novo que apontasse para outra modernidade, onde os grupos subalternos e esquecidos pudessem transformar-se em atores sociais, protagonistas da história latino-americana” (Veloso, 2011, p. 133), em uma época em que era escassa a produção intelectual nesse sentido devido às condições sócio-históricas em que se encontrava a maior parte do continente. A produção literária do autor é bastante diversa (alterando entre poesia, crônica, cartas) e representativa da cultura e identidade da América Latina. Martí estabeleceu-se desde a perspectiva de um intelectual, marcadamente afetado pela inclinação política que possuía. Ao afirmar

que ele “vive como um poeta e morre como um herói” (Veloso, 2011, p. 134), a autora nos relewa a face de um escritor que almejava aprofundar-se na cultura e sociedade latino-americana desde uma perspectiva própria e não a partir de narrativas dominantes dos colonizadores. A vida de José Martí confunde-se com as transformações políticas que se consolidam nessas sociedades, marcadas durante a segunda metade do século XIX por movimentos independentistas e que alteram a organização institucional dos países dessa região, além do crescente poder da América do Norte sobre o resto do mundo.

É importante destacar a compreensão do autor sobre a necessidade de haver unicidade, de maneira a se formar a identidade latino-americana, além disso também percebe que “as elites só beneficiam a si próprias, às potências europeias e aos Estados Unidos” (Veloso, 2011, p. 136). Para Martí, a questão da América Latina deve ser tratada de maneira específica, considerando também a especificidade desse continente; uma dessas questões é a colonização e a política imperialista dos Estados Unidos, nação que passa a ser vista enquanto um modelo de modernidade a ser alcançado e que afeta não somente as relações da Hispano-América com o resto do mundo, mas a própria percepção de si mesma face à dominação norte-americana. Martí, então, assume uma postura crítica, diante da necessidade de promover a tomada de consciência latino-americana diante deste esse fenômeno e deter tal exploração, a partir da noção de pertencimento e solidariedade. É neste contexto que *Nuestra América* é concebido, a partir da noção de uma América autônoma em relação aos colonizadores. O discurso apresentado, apesar de se direcionar à realidade do continente americano, pode facilmente ser incorporado a outras realidades sócio-históricas similares.

Nuestra América foi publicado inicialmente na *La Revista Ilustrada de Nueva York* em 1891. O texto em questão foi concebido enquanto análise política para abordar “*los problemas fundamentales de la América Nuestra*” (Vitier, 2011, p. 8), diante das consequências da expansão colonial e comercial e sobretudo, do imperialismo norte-americano: por isso, hoje é “*considerado un texto base en las reflexiones identitarias de Latinoamérica*” (Marinelli, 2022, p. 11). É a partir dessa composição que Martí expõe a diversidade e riqueza da sociedade latino-americana, destacando a necessidade de conhecê-la e valorizá-la, motivo de transformação e de orgulho. Sob os conceitos de “*civilización*” e “*barbarie*”, o autor identifica perspectivas

que contribuem para a instituição de determinado discurso que beneficia as nações dominadoras sobre as dominadas. Entre os problemas citados por Martí ao longo do texto está a desestabilização da América Latina devido a processos históricos herança da colonização e às reações decorrentes deles, bem como a desunião entre os povos e as disputas por poder que ocorre no interior destes, são os “*tigre de adentro*” e “*tigre de afuera*”. Dessa forma propõe a desconstrução de um modelo excludente através da ressignificação dos valores latino-americanos historicamente oprimidos e a luta pela soberania.

Diferentemente do escritor argentino Sarmiento, Martí não defende que a forma de civilização a ser adotada deve ser aquela imposta pelos conquistadores “importando instituições e hábitos próprios de outras realidades, dos países capitalistas desenvolvidos” (Retamar, 2006, p. 38). Pelo contrário, defende a exaltação daquilo que distingue aos que estão do outro lado. E vai mais além disso: preocupa-se e incita a liberdade e independência nacional, a fim de “ênfatizar o genuíno, o autóctone, diante da penetração colonial e imperialista” (Retamar, 2006, p. 38). Ele afirma a originalidade do próprio povo e a partir dela defende a necessidade de que as limitações impostas sejam superadas e que se possa criar uma realidade nova longe da dependência desses países. As proposições aqui defendidas por Martí, serviram de base para revoluções que só foram possíveis através da unidade para que os povos pudessem reivindicar aquilo que lhes pertencem por direito diante das situações de desigualdade, pois sem tal convicção e confiança não se concretizariam. Em *Nuestra América* se unem o conhecimento político e a capacidade criativa para revelar a realidade das nossas dificuldades e as soluções propostas a elas, em busca de liberdade e justiça. Feita essa contextualização, na próxima seção me detenho à análise das duas traduções.

3. ANÁLISE DAS TRADUÇÕES

Conforme o que será discutido na próxima seção, na leitura de *Nuestra América* é possível identificar vocábulos que revelam o caráter político dessa obra e que se manifestam de forma evidente nas traduções. Aqui proponho a análise de duas traduções do espanhol para o português de *Nuestra América*, como forma de identificar os termos de influência política nas respectivas traduções e de que forma isso pode reverberar na disseminação da obra nos países latino-americanos. O primeiro passo para a identificação desses termos é por meio da leitura, que segundo Berman, apontado por Torres (2021, p. 193), deve ser realizada a partir “[d]as sucessivas versões dessa tradução e efetuando um vai-e-vem entre essas versões e o original”.

Antes de partir para a análise em si, me ocupo em descrever as duas traduções analisadas, pois tais características poderão influenciar direta ou indiretamente as decisões tradutórias tomadas. A primeira versão, como informado anteriormente, é a realizada por Maria Angélica Trajber, que possui uma trajetória profissional como tradutora. Embora a edição acessada e apresentada no decorrer desta pesquisa seja a de 2006 com 254 páginas, a primeira edição foi publicada em 1991 pela editora Hucitec de São Paulo. A editora Hucitec, enquanto empresa privada, foi criada em 1971 e tem por interesse publicações que se enquadrem nas áreas de Humanismo, Ciência e Tecnologia, segundo indicado em sua própria página na internet². Por se tratar de uma editora de iniciativa privada, existe a preocupação com a lucratividade e em consequência com a qualidade do material que se disponibiliza para venda. Um exemplo disso pode ser percebido na indicação de Salvador Obiol de Freitas como revisor da tradução, assim como toda a disposição organizacional do livro.

Em contrapartida, a segunda tradução foi publicada em 2011 pela Editora UnB, em colaboração com o Núcleo de Estudos Cubanos (Nescuba) da Universidade de Brasília (UnB) que tem por objetivo o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão. Por esse motivo a tradutora principal trata-se de uma professora da universidade e fundadora do Nescuba, que, no entanto, não possui uma carreira na área de tradução. O segundo texto possui também indicação de revisores e trata-se de uma edição bilíngue, ou seja, podemos encontrar duas versões do texto: uma

² Disponível em: <<http://www.huciteceditora.com.br/ahucitec.php>>. Acesso em: 05 de jan. 2024.

em espanhol e outra em português. O objetivo final desta tradução, mais que a apresentação de um produto comercial, consiste na divulgação e extensão da obra do autor cubano José Martí, e por esse motivo a aceitabilidade e contentamento do leitor não é o foco principal.

Em cada uma das traduções, as escolhas se manifestam em termos mais ou menos locais, que têm capacidade para manifestar-se mais próximos ou mais distantes das realidades sociais paralelas da América Latina. Veja:

ESPAÑHOL (MARTÍ, 2011)	TRADUÇÃO 1 MARTÍ; TRAJBER (2006)	TRADUÇÃO 2 MARTÍ; CÉSAR <i>et al.</i> ³ (2011)
“Cree el aldeano vanidoso que el mundo entero es su aldea, y com tal que él quede como alcade [...] ya da por bueno el orden universal” (p. 11).	“O aldeão vaidoso acha que o mundo inteiro é sua aldeia e desde que ele seja o prefeito [...] acredita que é certa a ordem universal” (p. 194).	“Crê o aldeão vaidoso que o mundo inteiro é a sua aldeia, e, desde que ele fique como prefeito [...] já acha que a ordem universal é boa” (p. 11).

O texto utiliza termos como “*aldeano*” e “*alcalde*” que identificam a organização política e social da época, os primeiros seriam a maioria da população e indivíduos em pior situação econômica, enquanto o segundo representa uma figura central de poder dentro de um regime político, frequentemente concentrado em um pequeno grupo social. Os termos citados foram traduzidos respectivamente em ambas as traduções como “aldeão” e “prefeito”. As formas políticas à época em que Martí escreveu o texto não eram as mesmas dos moldes contemporâneos. O prefeito é um cargo eletivo, porém a figura do “*alcalde*” na estrutura colonial cubana tratava-se de um administrador local, não necessariamente um “prefeito”. Entretanto, a nível regional existiam os “*ayuntamientos*” que resolviam questões locais e que eram governados pelos “*alcaldes*”, segundo a *Constitución de Cádiz de 1812* “*para el gobierno interior de los pueblos habrá Ayuntamientos compuestos de alcalde o alcaldes, los regidores y el procurador síndico, y presididos por el jefe político donde lo hubiere[...]*”. Segundo o Dicionário Caldas Aulete, o prefeito seria o “chefe do poder executivo de um município” e, portanto, o paralelismo realizado pelas tradutoras entre “*alcalde*” e “prefeito” seria coerente. Para Reiss e Vermeer (1996, p. 81) “uma ação [tradutória] é considerada conveniente quando, de modo específico a uma cultura, pode ser explicada como adequada à situação, e para aquele que pode dar esta

³ Proponho essa maneira de referenciar essa tradução, para evitar a repetição desnecessária dos nomes de todos os tradutores no texto. A saber: Dionísio Lázaro Poey Baró e Pablo José Sainz Fuentes.

explicação”. Trata-se de uma tradução cultural que na visão do descritivismo, esclarecido anteriormente, tem o seu foco na cultura-alvo e visa um processo de “descontextualização e recontextualização, que primeiro busca se apropriar de algo estranho e em seguida o domestica” (Burke, 2009, p. 16).

Martí identifica no texto situações próprias do cotidiano para aproximar-se da realidade do público-alvo e de acordo com a base teórica na qual se baseia esta pesquisa, a finalidade do texto “se caracteriza como fator principal para a ação tradutória” (Silva; Durão, 2019, p. 45). Podemos identificar essas referências nos seguintes exemplos:

ESPAÑHOL (MARTÍ, 2011)	TRADUÇÃO 1 MARTÍ; TRAJBER (2006)	TRADUÇÃO 2 MARTÍ; CÉSAR <i>et al.</i> (2011)
“ <i>sin saber de los gigantes que llevan siete leguas en la bota y le pueden poner la bota encima [al aldeano]</i> ” (p. 11).	“ignorando os gigantes que possuem botas de sete léguas e que podem lhe pôr a bota em cima” (p. 194).	“sem se importar com os gigantes que levam sete léguas nas botas! E que lhe podem pôr a bota em cima” (p. 11).

O autor se refere aos poderosos das sociedades como “*los gigantes*”, estes “*llevan siete leguas en la bota*” e além disso ao “*aldeano [...] le pueden poner la bota encima*”. Mais uma vez as traduções coincidem em ambas as versões. Todos esses dados nos levam a questionar de que forma, essas traduções conduzem a uma identificação da sociedade brasileira com as demais instituições sociais da América Latina, em especial Cuba, visto que o objetivo principal de José Martí era a solidariedade e unidade do continente frente à dominação etnocêntrica espanhola. A essa questão está correlacionado a teoria dos polissistemas discutida anteriormente, pois apesar de estarem sendo analisados os componentes léxicos do texto, o parâmetro para tal análise tem a ver principalmente com os âmbitos político e social latino-americanos. Portanto, considerar os elementos do texto a partir de um único sistema, sem considerar os encadeamentos entre os diferentes sistemas que pressupõe esse tipo de análise, não seria suficiente para fornecer os dados necessários às questões que se pretende discutir nesta pesquisa. Outros exemplos podem ser observados nos seguintes trechos:

ESPAÑHOL (MARTÍ, 2011)	TRADUÇÃO 1 MARTÍ; TRAJBER (2006)	TRADUÇÃO 2 MARTÍ; CÉSAR <i>et al.</i> (2011)
“ <i>estos tiempos no son para acostarse con el</i>	“não são tempos para deitar de touca na cabeça,	“não são para deitar com o lenço na cabeça, mas

pañuelo a la cabeza, sino con las armas de almohada” (p. 12). “ <i>las armas del juicio , que vencen a las otras. Trincheras de ideas, valen más que trincheras de piedras</i> ” (p. 12).	e sim com armas como travesseiro” (p. 194). “as armas do discernimento, que vencem as outras. trincheiras de ideias valem mais do que trincheiras de pedra” (p. 194).	com as armas como travesseiro” (p. 12). “as armas do juízo, que vencem às outras. Trincheiras de ideias valem mais do que trincheiras de pedra” (p. 12).
--	--	---

A posição de “*las armas de almohada*” em contraposição com “*acostarse con el pañuelo en la cabeza*” identifica uma postura mais combatente e agressiva defendida pelo autor. Vemos nas traduções que se mantém a intenção de incitação. Embora as “*armas*” utilizadas para vencer não revelem um embate físico, mas moral, como podemos ver em “*trincheras de ideas, valen más que trincheras de piedras*”, traduzido como “trincheiras de ideias valem mais do que trincheiras de pedra” nas duas traduções, que demonstra os processos de racionalização do pensamento pelos quais passaram o autor e as tradutoras ao escrever/ler o texto. Pois, no original há uma vírgula entre “*ideas*” e “*valen*”, demonstrando como se expressa o pensamento de Martí à medida que o manifesta de forma escrita, que é suprimida pelas tradutoras por compreenderem como uma oração contínua, sem a pausa feita anteriormente. A tradução e a consequente compreensão desse trecho revelam a metáfora criada pelo autor com a “trincheira”, elemento de guerra e frequentemente associado à violência, mas que nesse caso passa a designar uma luta no campo intelectual, a partir da consciência e do discernimento para enfrentar as imposições dominantes.

Ainda sobre a luta contra as formas de dominação, apresento o seguinte trecho:

ESPAÑHOL (MARTÍ, 2011)	TRADUÇÃO 1 MARTÍ; TRAJBER (2006)	TRADUÇÃO 2 MARTÍ; CÉSAR <i>et al.</i> (2011)
“ <i>Los pueblos que no se conocen, han de darse prisa para conocerse, como quienes van a pelear juntos</i> ” (p. 12).	“Os povos que não se conhecem devem ter pressa em se conhece, como aqueles que vão lutar juntos ” (p. 194).	“Os povos que não se conhecem têm que se apressarem para se conhecerem, como os que vão lutar juntos ” (p. 12).

O ato de “*pelear juntos*” traduzido como “lutar juntos” me soa como uma boa eleição, à medida que identifica a luta que precisam enfrentar os povos latino-americanos na conquista de uma sociedade que também os favoreça e que tem como princípio a união. Apesar das diferenças individuais que possuam, devem valorizar a construção de uma identidade única e consolidada. Apesar de parecer uma tradução

literal, o texto original manifesta uma postura política e um desejo muito específico, que as tradutoras assumem também na tradução pela escolha de “lutar”, que caracteriza constantemente um ato reacionário na língua portuguesa em variados sentidos. Segundo Sousa Alves é preciso "reconhecer que toda tradução, por mais despretensiosa que possa parecer, é uma forma de intervenção política, na qual o(a) tradutor(a) se coloca como agente, consciente ou não, da promoção de ideias[...]" (Sousa Alves, 2021, p. 6-7).

Em se tratando do termo “*tradición criminal*” as escolhas tradutórias se divergem em cada uma das traduções:

ESPAÑHOL (MARTÍ, 2011)	TRADUÇÃO 1 MARTÍ; TRAJBER (2006)	TRADUÇÃO 2 MARTÍ; CÉSAR <i>et al.</i> (2011)
“los que, al amparo de una tradición criminal , cercenaron, con el sable tinto en la sangre de sus mismas venas” (p. 12). “Ya no podemos ser el pueblo de hojas , que vive en el aire” (p. 13).	“os que, ao amparo de uma tradição criminosa , cercenaram, como sabre banhado no sangue de suas próprias veias” (p. 194). “Já não podemos ser o povo de folhas , que vive no ar” (p. 194).	“os que, ao amparo de uma tradição criminal , cercenaram, com o sabre molhado no sangue das suas próprias veias” (p.13). “Já não podemos ser o povo de folhas , que vive no ar” (p. 194).

Essa diferença de termos escolhidos, apesar de serem sinônimos na língua portuguesa, demonstra duas posições opostas pelas tradutoras, na qual reflete a percepção que cada uma tem desta tradição. “Criminal” e “criminosa” estão referenciadas ao crime, no entanto em uma busca superficial no Dicionário Caldas Aulete da definição de ambos os termos, temos que a primeira opção se constitui mais neutra, fazendo referência a uma área jurídica, enquanto a segunda assume um papel mais crítico e culposos, à medida que se assemelha a uma acusação. Muito do comportamento dos povos latino-americanos estão ancorados em uma “*tradición criminal*”, na qual prejudicam os seus semelhantes em benefício próprio. Porém Martí afirma que para que possam lutar juntos, é preciso antes de qualquer coisa eliminar essas práticas, herança de uma rivalidade alimentada pela colonização. Precisam superar a noção de barbárie, muitas vezes a eles atribuída e deixar de ser “*el pueblo de hojas*” traduzido como “o povo de folhas”. Aqui novamente, Martí utiliza uma metáfora para dizer que para vencerem essa luta, precisam estar organizados, já que

as folhas não têm a mesma firmeza das árvores. A tradução do fragmento mobiliza novamente a teoria dos polissistemas, que mescla interseções que se afetam mutuamente (Even-Zohar, 2013). Apesar de que não estará explícito nas reflexões que seguem, a teoria dos polissistemas, pela justificativa aqui apresentada, também está imbricada aos exemplos posteriores.

Nesse mesmo sentido, ele critica também “*los sietemesinos*”, que pela leitura do texto se constituem como pessoas consideradas sem valor por não acolherem e atribuírem o devido valor à terra e ao povo ao qual pertencem, e que demonstra a seguir:

ESPAÑHOL (MARTÍ, 2011)	TRADUÇÃO 1 MARTÍ; TRAJBER (2006)	TRADUÇÃO 2 MARTÍ; CÉSAR <i>et al.</i> (2011)
“A los <i>sietemesinos</i> sólo les faltará el valor. Los que no tienen fe en su tierra, son hombres de siete meses ” (p. 13).	“Só aos deficientes faltará coragem. Os que não acreditam em sua terra são homens deficientes ” (p. 194).	“Aos prematurados , sólo lhes faltará o valor. Os que não têm fé na sua terra são homens de sete meses ” (p. 13).

É curioso observar que esse conceito se repete no mesmo parágrafo ainda que sob formas diferentes, e no caso na tradução proposta por César *et al.* (2011) foram adotadas duas formas diferentes para a mesma ideia, sendo a primeira “prematurados” e a segunda “homens de sete meses”. Já na tradução de Trajber (2006) o termo escolhido foi “deficientes” para as duas ocorrências. A primeira tradução, mais literal, aproxima-se do sentido de prematuridade, à medida que a segunda se trata de alguém que apresenta um tipo de insuficiência e, portanto, mais próximo ao sentido a que se refere o texto. Associado a essa noção, se manifesta o seguinte trecho:

ESPAÑHOL (MARTÍ, 2011)	TRADUÇÃO 1 MARTÍ; TRAJBER (2006)	TRADUÇÃO 2 MARTÍ; CÉSAR <i>et al.</i> (2011)
“No les alcanza al árbol difícil el brazo canijo [...] el brazo de uñas pintadas y pulsera, el brazo de Madrid o Paris, y dicen que no se puede alcanzar el árbol” (p. 14). “Hay que cargar los barcos de esos insectos dañinos que le roen el	“Seu braço fraco, braço de unhas pintadas e pulseira, o braço de Madrid ou de Paris, não atinge a árvore difícil; e dizem que não é possível atingir a árvore” (p. 194-195). “É preciso acabar com esses insetos daninhos,	“Não alcança o braço pequeno a árvore difícil [...] o braço de unhas pintadas e pulseira, o braço de Madrid ou de Paris, e dizem que não se pode alcançar a árvore” (p. 14). “Há que carregar os barcos desses insetos

<i>hueso a la pátria que los nutre</i> ” (p. 14).	que roem o osso da pátria que os nutre” (p. 195).	daninhos, que roem o osso à pátria que os nutre” (p. 14).
---	---	---

Estes *sietemesinos* não podem unir-se ao restante, pois estão ocupados demais com as próprias vontades para preocupar-se com a realidade coletiva, com um “*brazo de uñas pintadas y pulsera, el brazo de Madrid o Paris*”, tradução como “braço de unhas pintadas e pulseira, o braço de Madrid ou de Paris”. Ou seja, que querem se assemelhar ao que consideram ser o mais próximo de “civilização”, sob a imagem de Madrid e Paris e longe da “barbárie” de suas origens. O autor se utiliza de uma metáfora para os comparar aos “*insectos dañinos que le roen al hueso a la pátria*” traduzido como “insetos daninhos, que roem o osso à pátria” e “insetos daninhos, que roem o osso da pátria”, que têm vergonha da própria nação e de sua ascendência, e os maldizem, deterioram. Que traem o próprio povo e vivem em comunhão com países de ideologias que sustentam violentas ações, como as norte-americanas, contra os nossos. Por isso, do ponto de vista do objeto desta pesquisa, interessa que a tradução possa se manter ofensiva e identificar a esses indivíduos de uma maneira repulsiva. Há que lembrar que dentro de cada contexto situacional e cultural existem diferentes maneiras de se expressar e/ou reforçar uma perspectiva e essas questões estarão implicadas na tradução, segundo Nord (2018) citada por Silva e Durão (2019). O argumento circunstancial está vinculado à funcionalidade que desempenhará o texto traduzido, já que a adequação ao contexto também deve levar em conta os efeitos e consequências esperados na recepção desse texto.

Outras questões políticas referentes à imagem da América Latina também são retratadas no decorrer do texto:

ESPAÑHOL (MARTÍ, 2011)	TRADUÇÃO 1 MARTÍ; TRAJBER (2006)	TRADUÇÃO 2 MARTÍ; CÉSAR <i>et al.</i> (2011)
“ <i>Cree el soberbio que la tierra fue hecha para servirle de pedestal [...] y acusa de incapaz e irredimible a su república nativa</i> ” (p. 16).	“Os orgulhosos pensam que a terra foi feita para servir-lhes de pedestal [...] e acusam de incapaz e irremediável sua república nativa” (p. 195).	“Crê o soberbo que a terra foi feita para servir-lhe de pedestal [...] e acusa de incapaz e irremediável a sua república nativa” (p. 16).

Cabe considerar as relações que estabelecem com a América Latina, caracterizada como “incapaz e irremediável” segundo a visão eurocêntrica, ou ainda “incapaz e irremediável”. Enquanto “irremediável” é definido no Dicionário Caldas Aulete enquanto algo que “não se pode remediar; que não tem solução ou conserto”,

“irremediável” não foi encontrado com facilidade, pois acredito ser um erro de grafia não identificado pela revisão. No lugar de “irremediável” considero “irredimível” como alternativa possível, sendo ainda assim termo pouco empregado e frequentemente associado ao contrário de “redenção”. No Corpus Online do Português, só foram encontradas 16 ocorrências dessa palavra, em comparação a 484 da primeira. Nas notas finais da tradução uma explicação: “irremediável” é usado como sinônimo de “irremediável”. Nesse caso, os termos expressam a depreciação da própria nação e revelam como a região é vista em contraste com regiões como o continente europeu ou o norte-americano.

Termos como “*pueblos originales*” manifestam outras características de identificação e pertencimento cultural:

ESPAÑHOL (MARTÍ, 2011)	TRADUÇÃO 1 MARTÍ; TRAJBER (2006)	TRADUÇÃO 2 MARTÍ; CÉSAR <i>et al.</i> (2011)
“ <i>en los que quieren regir pueblos originales, de composición singular y violenta</i> ” (p. 16).	“naqueles que querem reger povos originais , de composição singular e violenta” (p. 195).	“nos que querem guiar povos originais , de composição singular e violenta” (p. 16).

Esses conceitos podem variar segundo a configuração cultural na qual estão inseridos, já que eles relacionam sobretudo, às construções históricas de uma sociedade. No caso do Brasil é muito comum por exemplo referir-se aos “povos originais” como “povos indígenas”, “povos originários” ou “povos nativos”, prova disto está no Corpus do Português, com números de ocorrência de 3.249, 127 e 192 respectivamente. Compreendo, no entanto, que se tratando de uma obra literária, também interessa manter os traços estilísticos do autor e da obra, e que talvez por esse motivo, se tenha optado pelas decisões apresentadas. Para Octavio Paz a tradução é sempre uma operação literária, pois o texto original embora nunca reapareça, “*la traducción, sin decirlo, lo menciona constantemente, o lo convierte en un objeto verbal que, aunque distinto, lo reproduce*” (2012, p. 3), o que poderia explicar a intenção das autoras nas traduções dessas expressões.

Já o emprego do verbo “*regir*” denota o domínio sobre os povos originários pelas nações colonizadoras, todavia enquanto na primeira tradução foi traduzido como “reger” na segunda a tradução foi “guiar” o que atenua e eufemiza a relação de subordinação que se estabelece, que longe de ser harmoniosa, sempre se constituiu extrema. Schleiermacher explica os caminhos tomados pelas duas traduções, em que

ou o autor é levado até o escritor ou o escritor até o leitor, no caso de César *et al.* (2011) estamos falando desta última. Já na tradução realizada por Trajber (2006), nota-se o esforço do tradutor para que “a mesma imagem, a mesma impressão que ele, com seu conhecimento de língua original alcançou da obra, agora busca comunicá-la aos leitores” (Schleiermacher, 2010, p. 242).

Algumas palavras específicas funcionam para identificar as crenças e valores do povo latino-americano:

ESPAÑHOL (MARTÍ, 2011)	TRADUÇÃO 1 MARTÍ; TRAJBER (2006)	TRADUÇÃO 2 MARTÍ; CÉSAR <i>et al.</i> (2011)
“ <i>en nuestras repúblicas dolorosas de América, levantadas entre las masas mudas de indios, al ruido de la pelea del libro con el cirial</i> ” (p. 15). “ <i>con los pies en el rosario</i> ” (p. 21).	“em nossas repúblicas dolorosas da América, levantadas entre as massas mudas de índios, ao rumor da luta do livro conta o círio ” (p. 195). “ apoiados no rosário ” (p. 197).	“nas nossas repúblicas dolorosas de América, levantadas entre as massas mudas de índios, ao ruído da luta do livro com o círio ” (p. 15). “ com os pés no rosário ” (p. 21).

O “*cirial*” e o povo “*con los pies en el rosario*” estão marcados pela inserção da cultura cristã nesse continente a partir da colonização, tendo em vista que ambos representam símbolos da cultura católica. Devido à semelhança entre o processo colonizador de Cuba e do Brasil, não se apresentam grandes dificuldades em encontrar equivalência na tradução, já que tanto os colonizadores espanhóis como os portugueses, iniciaram no novo continente o processo de catequização, incorporando elementos da cultura cristã e especialmente católica, à realidade social e cultural do continente latino-americano. Silva, Belloti e Campos (2010, p. 8) reafirmam este fato ao dizer que “desta realidade de violências, resistências e hibridismos surgiram expressões religiosas católicas mestiças que marcaram profundamente a cultura do continente”.

Ainda sobre o âmbito cultural da sociedade latino-americana, identifiquei a tradução de “*gamonal*”:

ESPAÑHOL (MARTÍ, 2011)	TRADUÇÃO 1 MARTÍ; TRAJBER (2006)	TRADUÇÃO 2 MARTÍ; CÉSAR <i>et al.</i> (2011)
“ <i>modo continuo de ir por el mundo de gamonal famoso</i> ” (p. 16).	“uma maneira contínua de marchar pelo mundo como cacique famoso ” (p. 195).	“modo continuo de ir pelo mundo como gamonal famoso ” (p. 16).

É certo que a nota explicativa apresentada na segunda tradução nos revela que apesar de serem termos diferentes, ambos representam noções muito semelhantes nas culturas de ambas as línguas (português e espanhol): “segundo o *Diccionario*, ‘cacique’, e na segunda acepção: ‘Pessoa que em um povo ou comarca exerce excessiva influência em assuntos políticos ou administrativos’” (Martí; César, 2011, p. 44). Porém observa-se uma ocorrência maior na língua portuguesa e na cultura brasileira do uso da palavra “cacique”, com 3.704 ocorrências no Corpus do Português, em oposição à 14 de “gamonal”, sempre relacionado a um sobrenome. O vocábulo “cacique” tem origem na tradição histórica da América e apresenta maior conformidade com as formas culturais que nos são familiares. Nesse caso, a decisão tradutória se deu por domesticação, estratégia que Venuti (2021) descreve como a invisibilidade do tradutor, permitindo que “as marcas de estrangeiridade do texto de partida esvançam” e privilegiando, portanto, aquelas que são próprias da cultura receptora. Essa aproximação seria benéfica já que como foi discutido anteriormente o objetivo pretendido pelo texto é o de persuadir. Nessa mesma direção, discorro sobre os seguintes fragmentos:

ESPAÑHOL (MARTÍ, 2011)	TRADUÇÃO 1 MARTÍ; TRAJBER (2006)	TRADUÇÃO 2 MARTÍ; CÉSAR <i>et al.</i> (2011)
“con [...] el cuerpo pinto de indio y criollo vinimos, denodados, al muno de las naciones” (p. 21).	“apoiados no [...] corpo mestiço de índio e de crioulo , chegamos, denodados, ao mundo das nações” (p. 197).	“com [...] o corpo com pintas de índio e criollo , viemos, denodados, ao mundo das nações” (p. 21).

Sobre o termo “*criollo*” na primeira tradução se optou pela tradução como “crioulo” (Martí; Trajber, 2006, p. 197) sob a concepção de “homem de raça branca nascido nas colônias de além-mar, particularmente da América” (Martí; Trajber, 2006, p. 15), por outro lado se manteve “criollo” em português na segunda tradução, justificando que era o “nome que recebiam os descendentes de espanhóis nascidos na América hispânica” (Martí; César *et al.*, 2011, p. 18). Observamos então que embora os dois termos sejam representativos da diversidade latino-americana, abrangem culturas notadamente diversas, pois o segundo se restringe à América hispânica, mantendo inclusive a mesma grafia do espanhol. Enquanto “crioulo” se estenderia à dimensão colonial brasileira, segundo estrutura social, racial e histórica específica deste território. Além disso, “*el cuerpo pinto de indio y criollo*” traduzido como “pintas de índio e crioulo” (Martí; César *et al.*, 2011, p. 21) e “corpo mestiço de

índio e de crioulo”, demonstra a pluralidade étnica e cultural da América. Apresentada esta análise, podemos nos questionar até que ponto a tradução de um texto pode influenciar na recepção de ideologias e preceitos em uma outra língua e cultura. Pensando no papel da tradução de alterar ou manter um objetivo pretendido, segundo as decisões tradutórias tomadas, desenvolveremos a próxima seção.

4. A TRADUÇÃO EMANCIPATÓRIA E O SULEAMENTO

Ou a liberdade é indivisível ou não é nada além da repetição de slogans e avanços temporários, míopes e passageiros, para poucos. Ou a liberdade é indivisível e trabalhamos em conjunto por ela ou você estará em busca de seus próprios interesses e eu dos meus.
(June Jordan)

A tradução desempenha um relevante papel na propagação e manutenção de políticas. Segundo Lendvai e Stubbs (2012, p. 15) a política é dinâmica e fluida, e pode ter os significados traduzidos e transformados. Além disso, traduzir pode ser considerado sinônimo de conquistar por meio da tradução cultural, apoiado em elementos históricos e relações poder, que delinham a implementação de tais políticas (Lendvai; Stubbs, 2012, p. 16). Dentro dessa narrativa cabe considerar, no entanto, que a atividade de tradução não é uma tarefa simples. Diferente da percepção habitual, não se trata de uma mera transferência de conhecimentos entre duas línguas, pois soma-se a isso “o problema do ruído – uma distorção do significado original – que reconhece a probabilidade do significado alterado [...]” (Lendvai; Stubbs, 2012, p. 21). Fatores como a posição social e política do tradutor, a língua, as normas de escrita e estilo, o público-alvo, as expectativas das instituições e ideologias dominantes determinam a tradução que será produzida (Bastin; Echeverri; Campo, 2021). Buscando entender que importância a tradução desempenha na história do mundo, devemos compreender também que “o estudo da história da tradução é vital para explicar os fatos sociopolíticos de comunidades e nações” (Bastin; Echeverri; Campo, 2021, p. 20). A própria arte desde os primórdios da história está relacionada a fatores sociais, assim como é capaz de influenciar culturas, crenças, comportamentos e opiniões. Na constituição de uma literatura que não pertence aos centros hegemônicos de poder, essa forma conduz a um rompimento com as normas europeias. Por esse motivo a tradução se torna importante para a construção de um projeto político na América Latina, estando entre os princípios considerados nesse projeto a unidade da região por meio de textos escritos.

A própria constituição da América Latina é complexa e heterogênea, “é como um conjunto de espelhos deformantes” que dependendo da posição do observador,

se tem a cada vez uma nova reflexão (Uslar Pietri, 1991, p. 114). Segundo esses mesmos autores a América Latina:

[...] surge como uma civilização periférica e submissa, que desenvolve seus sistemas se apropriando de modelos culturais europeus e, logo, estadunidenses, e cuja economia e sociedade se edificam não para seu próprio desenvolvimento, mas sim direcionado a essas potências e metrópoles” (Bastin; Echeverri; Campo, 2021, p. 6).

Parte dessa heterogeneidade pode ser explicada segundo Granato e Batista (2017, p. 6) pelas “especificidades do Estado latino-americano, colonial, periférico, dependente e subdesenvolvido, marcado, na sua caminhada, pela instabilidade política”. A própria conceituação da América Latina tem características de específicas marcadas por negação e exclusão sobre a ótica de uma única narrativa: “é uma construção semântica com implicações políticas, econômicas, epistêmicas e éticas que surgiu e se impôs em detrimento de conceitualizações e denominações originárias deste mesmo continente” (Porto-Gonçalves; Quental, 2012, p. 14). O que não se considera muitas vezes é que “a constituição da América enquanto uma região sob controle europeu teve importância decisiva na formação do sistema-mundial moderno e na própria formação da economia capitalista (Porto-Gonçalves; Quental, 2012, p. 31). Isso quer dizer que ao contrário do que se pensa, o sistema econômico atual só pode se constituir pela existência da América, já que segundo os autores é a partir desse fato que a Europa pode se afirmar como centro geopolítico do mundo. São as relações de poder que determinam as categorizações em uma sociedade, pois elas serão determinadas pelas posições que ocupam os sujeitos e não naturalmente definidas, se baseiam em “construções históricas que, erguidas nas relações sociais, naturalizam-se no próprio processo de reprodução e manutenção de um determinado padrão de poder” (Porto-Gonçalves; Quental, 2012, p. 37). A caracterização da América Latina em uma posição inferior e muitas vezes ofensiva, não é, portanto, desinteressada, mas motivadas por questões históricas e políticas. O que frequentemente se observa é a redução desse grupo a um espaço geográfico, quando na verdade é composto por uma diversidade de aspectos de ordem cultural, linguística, política, econômica e social e apesar das divergências e conflitos internos, a identificação latino-americana se deve a um sentimento de pertencimento ao mesmo espaço, seja ele geográfico, econômico, linguístico ou cultural (Moraes, 2009) de uma “comunidade política imaginada” (Angel; Carvalho; Pereira, 2020, p. 20).

Algo a se considerar é que a dominação e tutela europeia, sobretudo espanhola, sobre a América Latina contribuiu para limitar o desenvolvimento econômico do continente, além de estabelecer relações sociais desiguais. Segundo Machado (1999, p. 206) “a América Latina experimentou ao longo dos séculos um crescimento vegetativo à sombra da Europa e dos Estados Unidos, situando-se praticamente fora da própria historicidade do Ocidente”. Uma noção muito recorrente é a de que os países pertencentes ao Norte geográfico são superiores ao que constituem o Sul. Enquanto os Estados Unidos estão sempre relacionados a características e hábitos positivos, a América Latina está no lado oposto, essa ideia também se reitera na diversidade de raças frente à predominância branca dos EUA. Assim, a América Latina se converte em alvo de um sentimento constante de desprezo, mesmo após a independência, pois “a cultura dominante age no sentido de reduzir ou inviabilizar a cultura das classes populares se fazer presente no sistema de comunicação. Esse sistema “[...] é, por definição e necessidade, antidemocrático e excludente” (Moraes, 2009, p. 156).

É válido observar, no entanto, que apesar dos movimentos de independência, bem como a conquista efetiva dela não foram suficientes para eliminar destas nações os valores difundidos pelos dominadores, que não são “reconhecidos como europeus, mas, em verdade, continuam desejando ser. Compreendem a experiência e condição colonial que os conforma, mas não são capazes de deixar de reproduzi-la (Porto-Gonçalves; Quental, 2012, p. 71). A história contada sob o ponto de vista do Norte (geralmente europeu), segundo Goés (2016, p. 4) marginaliza as demais histórias locais colonizadas “reafirmando sua pretensão universalista”. É a partir desse fato que se cria uma oposição binária do que é ou não representativo de “civilização” e que “guiará de diferentes formas a construção do imaginário ocidental sobre esse diferente” (Goés, 2016, p. 5).

Diante dessa discussão é oportuno discorrer sobre as formas de combater a colonialidade nas sociedades latino-americanas, que teve origem na “conquista” – espanhola e portuguesa – e adquiriu uma forma mais complexa após a emancipação nacional daqueles países” (Fernandes, 2019, p. 310). A colonialidade, portanto, é um produto da colonização. No caso da América Latina entendido como um processo de subordinação às Coroas de Espanha e Portugal, motivados por interesses econômicos, culturais e políticos e que reproduzem estruturas de poder que organizam o mundo (Walsh, 2007). Como consequência desse processo o que se

observa é uma inclinação ao apagamento de tudo que representa o outro, ou seja, aquilo que não pertence ao lado do colonizador, “caracterizado pela invisibilidade total do que se percebe como ‘o outro lado da linha’, com isso, o que existe e importa é apenas o que está deste lado da linha” (Rosa, 2022, p. 26). Ainda segundo a autora tudo que é, pertence ou se parece aos modelos europeus gera orgulho, à medida que o restante gera repulsa. Parte dessa percepção, como anteriormente discutido, está associada às classificações raciais, sendo a raça branca a que detém o poder para determinar o mundo e os demais indivíduos, e assim “impõe sua visão de si e dos demais como única” (Botelho, 2022, p. 39). A consolidação da influência nortista se deu também por meio de relações coloniais, tendo os elementos próprios dessas culturas difundidos “nos ideais de nação, nas representações positivas de humanidade, no que é considerado belo ou saudável” (Botelho, 2022, 36-37). Dessa maneira, o que se consolida, segundo Silva Júnior (2022, p. 340) é o pensamento europeu como “moderno, avançado e europeu”, o que contribui para a posição central ocupada pela Europa e “que define os povos não europeus como naturalmente inferiores”. O curioso ainda, segundo esse autor, é que muitas vezes o discurso europeu associa essa suposta superioridade a um processo natural e não às “invasões”, “genocídios” e “exploração econômicas” praticados em várias partes do mundo. A consequência disto é que

a naturalização dessas convenções representa uma relação de poder na qual o Norte assume um lugar de privilégio, atenção e referência, e que essa hierarquização foi construída ao longo da história, influenciando, diretamente, na forma como enxergamos o mundo e suas complexidades até hoje (Silva Júnior, 2022, p. 340).

Nesse sentido “‘Norte’ e ‘Sul’ não são unicamente categorias geográficas, são também e principalmente categorias culturais e políticas” (Silva Júnior, 2022, p. 341), sendo o Norte sempre a referência para o resto do mundo. Essa dicotomia também se associa a questões como localização territorial superior/inferior, o que sabemos que não passa de um imaginário, já que o planeta está em constante movimento. Essa configuração tida como verdade, contribui significativamente para a centralidade do Norte.

Surge em contrapartida o termo *sulear* ou *suleamento* trazido por Silva Júnior (2022), a ação de *sulear* está relacionada a contestação dessas formas hegemônicas mantidas e reproduzidas desde a época colonial e que se empenham em minar as forças provenientes do Sul. *Sulear* é desenvolver um olhar crítico, reflexivo e de

combate a formas de poder que sustentam relações desiguais e ao mesmo tempo promover a valorização à diversidade e à coexistência de elementos pertencentes a culturas e sociedades comumente excluídas, “não aceitando a invisibilidade das identidades latino-americanas e estimulando seu protagonismo por meio de narrativas e olhares outros” (Matos, 2022, p. 285). Como vimos, a América Latina constitui um “espaço sociocultural compartilhado, um lugar dinâmico e em transformação, com histórias comuns de conquista e colonização” (Silva-Reis; Silva, 2016, p. 5). Ativistas como José Martí “usam suas habilidades linguísticas para expandir o espaço e as oportunidades narrativas de resistência e para dar poder às vozes invisibilizadas pelo poder global do inglês e pelas políticas das línguas” (Baker, 2018, p. 342), confrontando assim também a neutralidade do tradutor diante do texto. Segundo Bastin, Echeverri e Campo (2021, p. 5):

os esforços teóricos de mudar essa visão negativa sobre a América Latina e o latino-americano foram empreendidos com grande sagacidade com os escritos de José Martí (1853- 1895) em seu manifesto *Nuestra América* (1891). [...] Martí instigava a uma segunda independência, naquele momento cultural e econômico, em posição ideológica contrária ao expansionismo estadunidense.

Além disso, ainda segundo Baker (2018, p. 342) citando a Melucci (1996), esses ativistas “reconhecem que a linguagem e a tradução constituem um espaço de resistência, um meio de inverter a ordem simbólica”. Por meio desses atos de resistência esperam contribuir, de maneira incisiva, para a transformação e desestabilização de estruturas que se constituem sobre bases injustas, de maneira a evitar a manutenção da ordem imposta. Tais ações seriam viabilizadas pela conscientização e educação político-ideológica do público-alvo e dessa forma, a tradução, assim como a interpretação “tornam-se muito mais importantes, de fato fundamentais para satisfazer os objetivos dos movimentos políticos contemporâneos”. Elas tornam-se um espaço privilegiado de ação política por direito próprio (Baker, 2018, p. 361). Também precisamos considerar que os tradutores são sujeitos sociais e incorporam determinadas identidades e ideologias relativas aos distintos contextos, e que a tradução é a leitura que faz de determinado texto, assim “o discurso do tradutor pode ser abordado como discurso que informa sobre processos inerentes ao movimento fluido de construção de identificações culturais” (Pagano, 2000, p. 160).

Na era globalizada que vivenciamos, a política econômica conhecida como neoliberalismo pode ser considerada como uma tentativa de dominação e prática

homogeneizadora. Lendvai e Stubbs (2012, p. 21) trazem o conceito de Jhon Clarke (2004, p. 94) de “neoliberalismos ímpares” para se referir aquelas sociedades de menor prestígio político que se opõem aos discursos unificados e produzem discursos “híbridos, paradoxos, tensões e incompatibilidades”. No âmbito desta pesquisa, esses grupos se materializam na imagem de resistência da América Latina. A perspectiva pós-colonial “leva os sujeitos a se deslocarem para outros espaços, outras temporalidades e outras línguas” (Pagano, 2000, p. 158), cenário no qual, segundo o autor, a cultura também se converte em uma operação de tradução. Nessa mesma perspectiva existe uma tendência não somente à decolonização, mas também a refletir sobre desigualdades de distintas naturezas e assim, a concepção de tradução na América Latina “nasce a partir de um contexto de tensões entre línguas, memórias e histórias” (Pagano, 2000, 160). Em maior parte, o surgimento da tradução nessa região se deu pelas necessidades reveladas nas relações de conquista e catequização, bem como de manutenção de terras pelos colonizadores (Silva-Reis; Milton, 2016, p. 6).

No caso de “Nossa América” assim como o exemplo apresentado pelos autores, “a tradução é considerada aqui como uma forma de resistência no sentido pragmático do termo e como uma atividade subversiva usada por um grupo reprimido” (Bastin; Echeverri; Campo, 2021, p. 2). Muitos desses textos atuaram de maneira a contribuir para a instauração de movimentos revolucionários e emancipatórios, pois:

a palavra escrita deu forma e permanência às ideias liberais do século, transcendendo o imediatismo e a fugacidade da palavra falada. Por sua mera existência física, o texto escrito exemplifica a permanência e a autoridade, transmite um senso mais forte de veracidade histórica e permite circulação e disseminação amplas (Bastin; Echeverri; Campo, 2021, p. 5).

A tradução, portanto, foi de grande valia para escritores ativistas e revolucionários para alcançar os objetivos pretendidos em um cenário histórico específico e propagar as ideias que defendiam aos demais territórios pertencentes à América Latina, assim o que importa nessas traduções “não é seu valor literário ou estético, mas sua força teleológica” (Bastin; Echeverri; Campo, 2021, p. 8). Estes escritores atuando enquanto mediadores entre as culturas, visavam atingir as pretensões, de escrita e/ou culturais, com as quais estavam comprometidos e disseminar o máximo possível essas ideias, promovendo reflexões. Por isso “nas agendas dos tradutores, portanto, a tradução era um meio, não um fim” (Bastin; Echeverri; Campo, 2021, p. 8).

Os textos traduzidos não podem ter desconsiderados os contextos históricos implicados, sob o risco de que se percam os conflitos que se inserem no âmbito da língua de chegada e da língua de partida, e conseqüentemente não se alcance os objetivos pretendidos. Na análise de ambas as traduções proposta nesta pesquisa, é possível observar que apesar de diferentes decisões em relação aos aspectos linguísticos e culturais, o valor político da obra é mantido nos dois textos. Isso porque as decisões tradutórias analisadas não interferem significativamente na compreensão do projeto político de integração e decolonização pretendido por Martí.

A tradução é “uma tarefa salvífica, libertadora, que fornece a esses textos uma existência continuada” (Oliveira, 2002, p. 200). Essa fala se justifica no fato de que a tradução permite a reconstrução de um texto e dos valores culturais que estão imbricados nele, valores estes que muitas vezes estão relacionados às relações de dominação, e assim “exerce um enorme poder na construção de identidades nacionais como culturas estrangeiras, e assim ela se faz notar potencialmente em discriminação étnica, confrontos geopolíticos, colonialismo, terrorismo, guerra” (Venuti, 2021, n. p.). Além disso ela pode ser “entendida como uma prática política e cultural, construindo ou criticando identidade [...] afirmando ou transgredindo valores discursivos e limites institucionais na cultura da língua-alvo” (Venuti, 2021, n.p.). Uma tradução “boa” ou “relevante” é aquela que “faz tudo o que dela se espera, uma versão, em suma, que cumpre sua missão, honra sua dívida e faz seu trabalho” (Derrida, 2000, p. 17).

Como agenda principal de José Martí em *Nuestra América* está a integração do povo latino-americano a fim de se combater as distintas formas de opressão a que estão expostos. Sobre isso Granato e Batista (2017, p. 12) nos falam que “as diferenças na região também se manifestam nos múltiplos processos de integração vigentes atualmente, que representam esforços diferentes em escopo e objetivos” e que além disso, tais diferenças podem explicar a dificuldade “experimentadas pelos países latino-americanos, em articular instâncias político-institucionais capazes de unificar a visão estratégica do continente” (Granato; Batista, 2017, p. 12). Inúmeros são os motivos para que se efetive essa integração, como afirma Miyamoto (2009, p. 91) há uma infinidade “de argumentos que defendem a cooperação e a integração como o melhor caminho para um ganho coletivo, de todos os países que fazem parte do continente sul-americano, por meio de políticas de desenvolvimento compartilhadas” e que por mais que não fossem as mesmas, possuem os mesmos objetivos: o de proporcionar “melhores condições aos países sul-americanos em

determinados tópicos” (Miyamoto, 2009, p. 97). O próprio Brasil reconhece e admite a necessidade de relacionar-se com os demais países da região, a fim de promover maiores avanços no desenvolvimento dos mesmos, frente a reduzida capacidade econômica em relação aos países do Norte e a consequente desvantagem social e política. Martí não foi o primeiro a defender esse movimento, entre os precursores dos movimentos de integração latino-americana, podemos citar, por exemplo, Simón Bolívar (Aleixo, 1984), afamado revolucionário venezuelano. O ato de integrar distintos países não se trata somente de *“la supresión de los conflictos, sino también el desarrollo de las solidaridades. En la práctica, ambos aspectos se hallan a veces confundidos”* (Duverger 1981, p. 259). Tal solidariedade pode ser entendida não somente como cooperação e união, mas também como sinônimo de resistência. Essa possibilidade de resistência frente às imposições coloniais é explicada por Moraes:

A colonização é um sistema fundado na unidade integradora dos setores articulados ao centro de poder, e desintegradora do ponto de vista das classes subalternas. Tal relação promove uma integração que atende a alguns interesses e permite - sem que seja este o seu interesse- a formulação de formas alternativas de enfrentamento e de estar-no-mundo destes atores sociais que se redefinem face à nova situação sócio-histórica em que se encontram. (Moraes, 2009, p. 157).

Esses movimentos são motivados sobretudo pelo reconhecimento da necessidade de se integrarem para atuarem conjuntamente e ter maior força de participação no cenário mundial após a independência (Aleixo, 1984, p. 27). Além disso, contribuem fortemente para se repensar a constituição da sociedade e da cultura latino-americana, baseado no fato de que sem entender as relações (explícitas ou implícitas) que se estabelecem por trás da formação da América Latina, não há como se conceber uma sociedade mais justa e igualitária e sobretudo, emancipada.

CONCLUSÕES

A história da tradução mistura-se à história da humanidade e no âmbito da América Latina, marcado fortemente por conflitos políticos e revoluções, ela desempenha o papel de articuladora e facilitadora ao proporcionar o acesso e difusão de ideias e princípios em maior escala. Por si só já é capaz de contribuir para a integração dos países latino-americanos, justamente por permitir a circulação de textos entre eles. Porém no caso específico de *Nuestra América* de José Martí, cujo objetivo principal é promover o projeto integrador da América Latina e provocar essa reflexão a um maior número de pessoas, como meio de combater as formas de dominação às quais se submete essa região, a tradução desempenha um papel político ainda mais essencial.

Na tradução de *Nuestra América* o papel a ser desempenhado é não apenas o de considerar e traduzir línguas e culturas diferentes, mas de “pôr em xeque a validade do poder hegemônico cultural, gerando forças de resistência ou, até mesmo, de revide [...] deixando vir à tona a função social e humanizadora da literatura” combatendo as distintas formas de opressão (Barzotto, 2007, p. 42). O processo tradutório é composto por um movimento que impinge a consciência, desempenhando não apenas um papel literário, mas cultural e inclusive ético. As duas traduções para o português analisadas apresentam versões muito semelhantes, embora na realizada por Trajber (2006) haja uma maior preocupação em adaptar à cultura dos leitores brasileiros (domesticação). Apesar de conservado o caráter político do texto, é cabível observar que certas decisões tradutórias no texto de César *et al.* (2011) podem comprometer a compreensão integral dos fundamentos dos quais discorre a obra, como por exemplo “*sietemesinos*”, “*gamonal*” e “*criollos*”. Isso porque esses termos são usados para descrever atores sociais muito específicos e sem uma compreensão adequada do tema e das relações que se estabelecem por trás deles, bem como a falta de identificação com a cultura brasileira, torna o texto falho em alcançar a pretensão e em cumprir a função a que se destina.

Apesar dessas decisões individuais não afetarem de maneira significativa a compreensão do todo, bem como dos valores propostos por Martí, é necessária uma atenção maior aos temas que se relacionam diretamente ao tema principal da obra, sobretudo no que diz respeito à estrutura e organização social, política e econômica, pois sem a devida compreensão dos mesmos, a especificidade dos efeitos

pretendidos pode também se ver afetada. Isso se explica pelo fato de que segundo a teoria funcionalista e o descritivismo, o foco central da tradução está na cultura de chegada, ou seja, a que pertence aos leitores que receberão o texto traduzido. Portanto, uma tradução executada de maneira mais próxima à literalidade, relega para segundo plano a preocupação com a cultura-alvo e pode influenciar as impressões na recepção do texto. Além disso, contrariando a teoria dos polissistemas, também acaba por considerar exclusivamente um único sistema, o linguístico; e buscando atingir ao máximo a equivalência de termos, distrai-se dos demais sistemas que podem estar abarcados na concepção textual. Perceber um texto como *Nuestra América* de maneira isolada, pode ser decisivo para a compreensão final do projeto político almejado.

Adicionalmente, a importância de se pensar em uma integração latino-americana, bem como a existência de textos, traduzidos ou não, sobre essa temática reside no fato de que essas lutas foram desenvolvidas em sistemas marcados por práticas excludentes e que reforçam a desigualdade. Soma-se a isso a tradução enquanto fenômeno facilitador ao acesso de reivindicações por integração para lutar contra as injustiças e desigualdades que enfrenta a América Latina, pois a unicidade torna-se fundamental para a transformação de estruturas e realidades de exclusão do outro e para a valorização à diversidade. Os efeitos decorrentes destas ações são gerados através de um processo de tradução, que almeja uma condição libertadora.

Assim como este trabalho é um aprofundamento e ampliação da pesquisa de iniciação científica, ficam caminhos abertos para desenvolvimentos futuros. Entre eles está a reflexão sobre como a apreensão da intenção do autor, enquanto um fato inatingível, está relacionada ao império da razão e da palavra unívoca e, portanto, torna-se uma ideologia impositiva, compatível com os interesses dominantes do Norte. Cabe questionar, portanto, como a intenção do autor em um texto pode ser compreendida a partir da perspectiva do Sul, isto é, uma proposta ideológica que parte da subalternidade e tem como objetivo desconstruir as forças imperiosas e excludentes de poder político já consolidadas. Além disso, aqui se analisam apenas duas versões de um único texto, porém é possível se pensar na quantidade de textos políticos que foram concebidos no decorrer da história da humanidade sob condições de poder conflituosas e quantos desses foram traduzidos e ainda, quantas dessas traduções puderam ou podem contribuir como forma de tornar as relações entre as sociedades, sejam elas linguísticas ou não, mais democráticas e igualitárias.

REFERÊNCIAS

- ALEIXO, J. C. B. **Integração na América Latina**. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, v. 21, n. 81, p. 19-32, jan./mar. 1984.
- BAKER, M. A tradução como um espaço alternativo para ação política. Tradução: Cristiane Roscoe-Bessa; Flávia Lamberti; Janaína Araujo Rodrigues. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 38, nº 2, p. 339-380, mai-ago, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2018v38n2p339>>. Acesso em 28 mar. 2023.
- BAKER, M.; SALDANHA, G. **Routledge encyclopedia of translation studies**. 3ª ed. Oxon/New York: Routledge, 2020.
- BARZOTTO, A. L. **A tradução literária tecendo sua própria história**. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*. Maringá, v. 29, n. 1, p. 41-50, 2007.
- BASTIN, G. L., ECHEVERRI, A.; CAMPO, A. Tradução e a Emancipação da América Hispânica. *Revista Belas Infiéis*, Brasília, v. 10, n. 4, p. 01-26, 2021.
- BERMAN, A. A tradução e seus discursos. *Alea: Estudos Neolatinos*, v. 11, n. 2, jul.-dez. 2009.
- BOTELHO, G. R. **Branquitude**. In: MATOS, D; LANDULFO, C. (orgs.). *Suleando Conceitos em Linguagens*. 1ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.
- BRITTO, P. H. **A tradução literária**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- BURKE, P. Culturas da tradução nos primórdios da Europa Moderna. In: BURKE, P.; HSIA, R. P. C. **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: Editora Moderna, 2009.
- CÁDIZ. **Contitución (1812)**. Disponível em: <https://constitutionnet.org/sites/default/files/constitucion_cadiz.pdf>. Acesso em 12 de maio de 2023.
- CARVALHO, E. R. **José Martí e o centenário da independência cubana**. Anais Eletrônicos do III Encontro da ANPHLAC, São Paulo, 1998.
- Corpus do português: NOW**. Disponível em: <<https://www.corpusdoportugues.org/now/>>. Acesso em: 13 de mai de 2023.
- DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Tradução: Sandra Regina Netz. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DE SOUSA, J. R. Colonialismo, luta de classes, racismo e subalternidade: da questão meridional à tradutibilidade latino-americana. **Conhecer: debate entre o público e o privado**, vol. 12, nº 2, p. 70-92, 2022.

DICCIONARIO DE LA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Disponível em: <<https://dle.rae.es>>. Acesso em: 13 de maio de 2023.

DICIONÁRIO CALDAS AULETE. Disponível em: <<https://aulete.com.br/index.php>>. Acesso em: 13 de maio de 2023.

DERRIDA, J. **O que é uma tradução “relevante”?** Alfa, São Paulo, 44 n. especial, p. 13-44, 2000

DUVERGER, M. **Sociología política.** Barcelona: Editorial Ariel, 1981.

EVEN-ZOHAR, I. Teoria dos Polissistemas. Tradução: Luis Fernando Marozo; Carlos Rizzon; Yanna Karlla Cunha. **Translatio**, n. 5, 2013.

FANTON, H. Nossa América e a obra do herói cubano José Martí. **Revista Adusp**, v. 1, p. 82-87, 2013.

FERNANDES, F. **Padrões de dominação externa na América Latina.** Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 11, n. 1, p. 310-324, abr. 2019.

GENTZLER, Edwin. **Teorias Contemporâneas da Tradução.** Tradução: Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 2009.

GOÉS, V. S. S. **Colonialidade do saber e integração latino-americana: considerações sobre possibilidades de resistência epistêmica.** Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina, 2016.

GRANATO, L.; BATISTA, I. R. **Heterogeneidade estrutural nas relações internacionais da América Latina: um olhar através dos paradigmas de integração regional.** Cadernos Prolam, São Paulo, USP, v. 16, n. 31, p. 5-29, jul./dez. 2017

JORDAN, J. **Technical Difficulties: African- American Notes on the State of the Union.** New York: Pantheon Books, 1992.

LENDVAI, N.; STUBBS, P. Políticas como tradução: situando as políticas sociais transnacionais. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 11-31, jan./jun. 2012.

MACHADO, L. T. **A teoria da dependência na América Latina.** **Estudos Avançados**, São Paulo, USP, v. 13, n. 35, 1999.

MATOS, D. C. V. S. Olhares outros. In: MATOS, D; LANDULFO, C. (orgs.). **Suleando Conceitos em Linguagens.** 1ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

MARTÍ, J. **Nuestra América.** Barcelona: Red ediciones S.L., 2022.

MARTÍ, J. **Nuestra América**. Tradução: Maria Auxiliadora César; Dionísio Lázaro Poey Baró; Pablo José Sainz Fuentes. – Nossa América. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.

_____. **Nossa América**. Tradução: Maria Angélica de Almeida Trajber – Nossa América. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MIYAMOTO, S. **O Brasil e a América Latina: opções políticas e integração regional**. Cadernos PROLAM, USP, São Paulo, v. 1, ano 8, p. 89-110, 2009.

MORAES, N. A. **Integração e identidades culturais na América Latina**. Revista Maracanan, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, 2009.

NORD, C. Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática. Coordenação da tradução e adaptação de Meta: ZIPSER, E. **Coleção Transtextos**, São Paulo, v.1, 2016.

PAZ, O. **Traducción: literatura y literalidad**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2012. Disponível em: <[https:// www.cervantesvirtual.com/obra/traduccion-literatura-y-literalidad/](https://www.cervantesvirtual.com/obra/traduccion-literatura-y-literalidad/)>. Acesso em: 04 de nov. de 2023.

OLIVEIRA, M. C. C. **Em torno de literatura, tradução, tradutores e autores**. Revista Contexto, n. 9, 2002.

PAGANO, A. S. América latina, tradução e pós-colonialismo. **Alfa**, São Paulo, v. 44, n. esp., p. 157-167, 2000.

POLCHLOPEK, S. A.; ZILPSE, M. E. DAMIANI COSTA, M. J. R. Tradução como ação comunicativa: a perspectiva do funcionalismo nos estudos da tradução. **Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores**, São Paulo, n. 24, p. 21-37, 2012.

PORTO-GONÇALVES; C. W.; QUENTAL, P. A. Colonialidade do poder e os desafios da integração regional na América Latina. **Polis: Revista Latinoamericana**, v. 11, n. 31, 2012.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª ed. Novo Hamburgo - RS: Universidade Feevale, 2013.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 2005. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em 12 de mai. de 2023.

RANGEL, V.; CARVALHO, L.; PEREIRA, D. S. **A América Latina e as relações internacionais: o projeto de integração de Simon Bolívar (1815-1826)**. Revista Transformar, v. 14, n. 2, p. 11-33, ago-dez. 2020.

REISS, K.; VERMEER, H. **Fundamentos para una teoría funcional de la traducción**. Tradução: Sandra García Reina; Celia Martín de León. Madrid: Akal, 1996.

RETAMAR, R. F. **Introdução a José Martí**. In: Nuestra América. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

ROMÃO, T. L. C. Análise crítica de traduções literárias: limites e possibilidades segundo Katharina Reiss. **Transversal – Revista em Tradução**, Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 50-69, 2017.

ROSA, A. A. S. **Áreas culturais latino-americanas**. In: MATOS, D; LANDULFO, C. (orgs.). Suleando Conceitos em Linguagens. 1ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

SCHLEIERMACHER, F. E. D.; BRAIDA, C. R. Sobre os diferentes métodos de traduzir. **Princípios: Revista de Filosofia**, UFRN, [S. l.], v. 14, n. 21, p. 233–265, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/500>. Acesso em: 04 de nov. de 2023.

SCHERER-WARREN, I. Redes de movimentos sociais na América Latina: caminhos para uma política emancipatória? **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 54, p. 505-517, set.-dez. 2008.

SILVA, E. M.; BELLOTTI, K. K.; CAMPOS, L. S. (Orgs.). Apresentação In: **Religião e sociedade na América Latina**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

SILVA JÚNIOR, A. C. **Sulear**. In: MATOS, D; LANDULFO, C. (orgs.). Suleando Conceitos em Linguagens. 1ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

SILVA, M. C. F. M.; DURÃO, A. B. A. B. Aspectos teóricos da tradução de culturemas a partir da teoria funcionalista e da tradução etnográfica. In: MOURA, W. H. C; CHRISTIMANN, F. (orgs.). **A tradução como espelho. Gestos, línguas, e sentidos refletidos no fazer tradutório**. Florianópolis: DLLE/PGET/UFSC, v. 2, 2019.

SILVA-REIS, M.; MILTON, J. História da tradução no Brasil: percursos seculares. **TRANSLATIO**, Porto Alegre, n. 12, p. 2-42, dez. 2016.

SNEL-HORNBY, M. A “estrangeirização”de Venuti: o legado de Friedrich Schleiermacher aos Estudos da Tradução? **Pandaemonium**, São Paulo, v. 15, n. 19, p. 185-212, jul. 2012.

SPIVAK, C. G. **Tradução como cultura**. Ilha do Desterro: A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies, n. 48, p. 41-64, jan.-jun. 2005.

SOUSA ALVES, D. A. Tradução e Ética: Sobre ética da tradução como uma prática social de reflexão consciente. **Revista Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 24, n. 1, jan.-mar. 2021.

TORRES, M. H. C. Método de análise e crítica de tradução de Antoine Berman: Autorresenha do seu livro Por uma crítica da tradução: John Donne. **Tradução em Revista**, PUC – Rio de Janeiro, n. 30, p. 191-213, 2021.

USLAR PIETRI, A. U. **La creación del nuevo mundo**. Madrid: Editorial Mapfre. 1991.

VELOSO, M. José Martí - Modernidade e utopia. **Revista Sociedade e Estado**, v. 26, n. 2, p. 133-153, mai- ago 2011.

VENUTI, L. **A invisibilidade do tradutor: Uma história da tradução**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2021.

VITIER, C. **Presentación**. In: MARTÍ, J. **Nuestra América**. Tradução: Maria Auxiliadora César; Dionísio Lázaro Poey Baró; Pablo José Sainz Fuentes – Nossa América. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.

WALSH, C. Interculturalidad, colonialidad y educación. **Revista Educación y Pedagogía**, vol. 19, n. 48, p. 25-35, mai-ago 2007.